

# Trilhas para o amanhã

Amália E. Fischer e Shinji Carvalho

## O aqui e agora

Os seres que povoam a Terra, humanos e não humanos, estão passando por momentos sombrios, uma crise climática sem precedentes a nível global: desmatamento, aumento das terras agrícolas, mudanças climáticas, aquecimento global, com implicações na saúde, na segurança alimentar, escassez de água, propagação de doenças já existentes e novas devido à invasão de humanos em ambientes silvestres.

O caminho até aqui é conhecido, uma expansão de produção e de consumo como se os recursos não fossem finitos; o domínio e a desapropriação dos recursos naturais, das terras tradicionais, dos saberes, e do trabalho das pessoas negras, indígenas e das mulheres.

Mas nesta crise climática em 2020, tal como tinham previsto cientistas, se propaga na Terra um

vírus, o COVID-19, que gera uma pandemia, agravando outras crises já existentes como a econômica, a política, a de saúde pública, social, educativa etc., deixando a descoberto o que tanto movimentos sociais e organizações da sociedade civil têm analisado, debatido e denunciado: a desigualdade, as discriminações, as injustiças socioambientais que afetam ainda mais as mulheres, em particular povos originários, afrodescendentes, pobres e a população LGBTQIA+.

Dados da ONU Mulheres ([www.bit.ly/3uErHmk](http://www.bit.ly/3uErHmk)) falam que em 2018, apenas 15,7% dos projetos do Global Environment Facility realizaram uma análise de gênero antes de sua aprovação. 40% dos países têm pelo menos uma restrição ao direito à propriedade das mulheres. 3,8 milhões de pessoas todos os anos, a maioria mulheres e crianças, são mortas pela poluição do ar causada pelo uso de energia impura para cozinhar e aquecer em domicílios. O meio ambiente e o trabalho das mulheres são tratados como recursos infinitos e desvalorizados, embora sejam a base para todas as economias.

O Brasil é um dos principais emissores de gases efeito estufa do mundo. No país, as principais causas de emissão de gás efeito estufa são a agropecuária e a mudança de uso da terra e florestas, seguida do uso de energia (na qual se destaca o uso de combustíveis fósseis).

O avanço ilegal da agropecuária e o desmatamento estão relacionados à desapropriação de povos originários, quilombolas, pequenos produtores rurais e assentamento, que frequentemente atuam como guardiões ambientais, sendo que a liderança das mulheres nesses grupos é essencial. São também as mulheres desses povos e grupos que frequentemente sofrem violência com requintes de crueldade ao defender seus territórios.

Em áreas urbanas, grupos liderados por mulheres também se destacam em ações que aumentam a resiliência das comunidades aos efeitos do aquecimento global como inundações, secas e deslizamentos. Ações por mobilidade mais inclusiva e mudança de formas de consumo são parte do universo de novas narrativas e atitudes propostas por essas mulheres que desafiam a lógica patriarcal que invisibiliza os trabalhos de mulheres e da natureza e que propõe a produção e o consumo infinitos.

A decorative illustration on the left side of the page. It features a stylized hand in shades of green and blue, holding a globe. The hand is positioned as if supporting the globe from below. There are also some leafy branches extending from the bottom and left sides of the globe.

## As incertezas

O Planeta Terra vive há quase 2 anos um colapso dos vários sistemas públicos de saúde causado pelo COVID-19, que matou milhares de pessoas e ameaça matar mais. Nossa vida diária foi interrompida, transformada por um agente externo e estranho. Estamos de volta à incerteza.

A incerteza que faz parte da vida hoje é percebida mais claramente. Como diz o ditado, “a única certeza que temos é que um dia morreremos”, mas o tempo todo fazemos o possível para nos iludir, para não admitir a incerteza. O tempo no início da pandemia parecia ter parado, houve em alguns setores da sociedade uma desaceleração da vida ao redor do mundo.

Atualmente, vivemos com a incerteza de quem vai viver e quem vai morrer, medo de perder entes queridos, colaboradores, companheiros, temor do desemprego, de perda de sustento. A economia mundial está em uma crise profunda, os preços de tudo estão no auge, a inflação é global e, obviamente, local também. Como diz a filósofa feminista brasileira, Carla Rodrigues, em uma pequena nota em seu Facebook: “o futuro é hoje mais do que nunca uma promessa”.

Em menos de 6 meses, a COVID-19 destruiu tudo no que acreditávamos: espaço, tempo, percepções sociais, políticas, econômicas e financeiras, psique, cidades, campo, países, governos etc. O vírus tem sido capaz de fazê-lo porque estamos inescapavelmente interligados, o que afeta alguns afeta a todos. Como o exemplo do movimento das asas de borboleta na floresta amazônica que pode causar um furacão na Flórida.

Estamos interligados, como humanos somos interdependentes, mas economicamente e financeiramente também somos codependentes. Aí reside um problema muito importante porque a interdependência nessa lógica foi aprisionada em estruturas de subjugação e controle. E é o que os países do Sul Global têm vivido sob o capi-

talismo global integrado que, em sua versão neoliberal, sob suas políticas econômicas e financeiras, tem causado autoritarismo extremo; perseguições; morte de defensores dos direitos humanos, civis, socioambientais, indígenas, populações negras, LGBTQIA+ etc. Essas políticas permitiram a construção de narrativas de ódio, racismo, sexismo, homotranslesbofobia, misoginia, extermínio de seres humanos e não humanos, o que colocou em risco tanto as jovens pseudodemocracias quanto as mais consolidadas existentes no planeta.

E hoje, pela mão humana, sua interferência irracional na natureza, ambição excessiva de lucro, ego, etnocentrismo, uma pandemia espalhada por um vírus causado pelo avanço humano sobre a ambientes naturais, estamos morrendo. A Covid tem deixado tudo o mais sombrio da humanidade a descoberto, mais do que nunca, coloca tudo nu, especialmente desigualdades, pobreza, preconceitos e injustiças.

Mas também o mais luminoso dos humanos como solidariedade, empatia, amor, consciência. Hoje, que estamos mais cientes de nossa interdependência, é muito importante ouvir os povos originários, os movimentos feministas, de direitos socioambientais que nos falam sobre a importância de viver em colaboração, sobre a estreita relação entre seres humanos e não humanos, o que, talvez, nos permitirá sobreviver como espécie.

## O amanhã

A falta de entendimento e de conhecimentos para a construção de um mundo pós-pandemia torna muito difícil fazer análise futurista, e isto nos produz angústia, desolação e desesperança. Contudo, os movimentos sociais e especialmente as organizações de mulheres têm resistido há mais de 21 séculos de patriarcado, e as mulheres indígenas, negras e quilombolas têm acumulado conhecimento milenar em 500 anos de enfrentamento ao colonialismo e à necropolítica.

A resposta filantrópica para a sobrevivência que diversas comunidades e movimentos deram à pandemia foi, em geral, rápida, criativa, inovadora, solidária, generosa e colaborativa. O ecossistema filantrópico se deu conta que devia confiar nas soluções e decisões das organizações comunitárias, nos territórios, o que implica doar, fazer fomento de forma flexível para fortalecer a essas formas organizativas que sabem, conhecem as necessidades das comunidades, dos territórios.

Mas sabemos que estamos em uma encruzilhada sem precedentes. Se a Covid nos fez agir pensando na emergência, hoje sabemos que temos cerca de dez anos para agir e impedir uma hecatombe climática fatal para a humanidade como a conhecemos. Mas temos que começar ontem para conseguirmos manter o aquecimento global abaixo dos 1.5°C necessários para nossa sobrevivência.

**Assim, o futuro está mais incerto do que nunca e precisamos apostar na possibilidade de mudança, que seja responsável em termos de gênero, raça, etnia, classe, orientação sexual e do meio ambiente.**



Sabemos que mulheres estão entre as mais afetadas pela mudança climática, mas também sabemos que a liderança e protagonismo das mulheres é chave para deter o aquecimento global, segundo Balgis Osman-Elasha no artigo “Women... in the shadow of climate change” – UN Chronicle.

Nesse contexto, temos GAGGA (Global Alliance for Green and Gender Action), da qual o ELAS+ participa pela primeira vez em 2021. GAGGA é uma colaboração estratégica, a partir dos conhecimentos e experiência adquiridos desde suas raízes de dois movimentos sociais: o dos direitos das mulheres e o da justiça socioambiental. Os dois movimentos possuem enorme capilaridade, chegando nas comunidades com rapidez e compreendendo profundamente os desafios dos territórios.

Desde 2016, GAGGA está transformando a forma de fazer filantropia no mundo. Onde o centro das soluções está baseado na comunidade, nos territórios, para problemas provocados por um sistema focado no lucro extremo, sobre exploração das pessoas e do meio ambiente, inclusive chegando ao trabalho escravo, perseguição e morte de defensoras de direitos. GAGGA apoia e acompanha organizações comunitárias lideradas por mulheres na África, Ásia e América Latina.

Em 2021, GAGGA nos permite criar a Carta Convite Mulheres e Justiça Ambiental, e assim apoiar diretamente com recursos flexíveis oito grupos liderados por mulheres e pessoas LBT+ nessa temática. São grupos das cinco regiões do país, liderados por mulheres indígenas, negras, e LBT+, parte de diversas interseccionalidades, advindas de territórios indígenas, quilombolas, dos rios, das florestas, do campo, assentamentos rurais e periferias urbanas.

Esses grupos, além do apoio financeiro, passam a compartilhar espaços garantidos para os grupos apoiados pelo maior programa do ELAS+, o Mulheres em Movimento, um programa flexível, com espaços dedicados para o fortalecimento de movimentos e de capacidades, e que, em 2021, realiza o maior edital da história do ELAS+, selecionando ao menos 80 grupos para sua composição.

Os grupos apoiados irão participar das atividades de construção de movimentos em conjunto com o programa Mulheres em Movimento, e assim ter a possibilidade de formar redes e alianças com um amplo espectro de movimentos. Dessa forma, pela nossa experiência, outros grupos dentre os 80 do programa Mulheres em Movimento incluirão temas de defesa do meio ambiente em suas pautas.

Os grupos apoiados também participarão de espaços de imersão com financiadores, especialistas e outros ativistas, possibilitando o fortalecimento de suas capacidades e de suas instituições.

Nosso vislumbre de futuro é uma sociedade civil fortalecida, plural e diversa, presente nos espaços de tomada de decisão e que possa atuar com segurança em seus campos. Por isso que reforçamos nosso apoio para o protagonismo de mulheres e pessoas LBT+, sobretudo aquelas em diversas intersecções de gênero, classe, etnia, raça, orientações sexuais e justiça socioambiental.

Por isso, seguimos a construir cotidianamente uma nova filantropia, baseada nas necessidades dos territórios, das comunidades, na colaboração entre diversos atores, atrizes, parceiros financiadores, apoiadores, na horizontalidade das formas de apoiar e se relacionar com as diversas formas organizativas das mulheres que vêm do Sul Global e continuará a orientar GAGGA.

É importante enxergar que as organizações da sociedade civil não são empresas nem corporações, mas sim aquelas que não têm o lucro como finalidade. Elas não podem ser geridas com os parâmetros dos modelos corporativos, envolvendo as mesmas metodologias de medição de resultados empresariais e de execução de projetos.

É importante que confiemos na sabedoria, no conhecimento das organizações e grupos da sociedade civil, que conhecem suas comunidades, seus territórios, seus movimentos, e suas causas. Elas são realmente as que sabem o que querem, o que precisam e como mudar suas realidades.

## Com base em nosso trabalho e no que temos conversado, as inspirações de futuro para os próximos 10 anos para GAGGA que trazemos são:

- Aumentar incidência para que mais países sejam contemplados. E para que o apoio para enfrentar o impacto e consequências pós-pandemia seja contínuo, pois serão necessários mais de 10 anos para reconstruir os países do Sul Global, (reconhecendo) que as mulheres dentro da justiça socioambiental são fundamentais para a reconstrução das sociedades e a preservação do meio ambiente.
- Ampliar os recursos materiais e imateriais para fortalecer os direitos das mulheres e a justiça socioambiental
- Ampliar a colaboração do ecossistema filantropo, das ONG's, convidando fundações, fundos e institutos nacionais e internacionais, assim como organizações de direitos das mulheres e de defesa da justiça socioambiental e também universidades para realizar pesquisas e construir entre todos os parceiros métricas e formas avaliativas próprias e não dentro da lógica empresarial de eficiência, eficácia e resultados imediatos. As transformações sociais demoram em acontecer porque devem provocar mudanças de mentes, corações e comportamentos
- Evidenciar fontes causadoras de gases efeito estufa e degradação ambiental como as mudanças do uso do solo, a agropecuária e o desmatamento.
- Continuar a fortalecer narrativas que contemplem uma maior diversidade e interseccionalidade de grupos de base e que são chave para a justiça climática e ambiental, como a defesa de territórios, de modos de vida tradicionais e do bem viver.
- Ampliar as ações comunicativas de GAGGA, um modelo muito importante, especialmente pós-pandemia, de grande interesse do ecossistema filantrópico e pode ser replicado em outros âmbitos que vão além da parceria entre direitos das mulheres e direitos socioambientais.